

Sem confronto, a fórmula fracassa

EDUARDO BRITO
Editor de Política

Dizia-se no começo da década de 70 que a mais sensacional das coberturas jornalísticas havia sido a primeira viagem do homem à Lua. E que a menos sensacional fora a segunda viagem do homem à Lua. Guardadas as devidas proporções, é o que se repete agora com os debates entre os candidatos a presidente.

O primeiro debate dos presidenciais, ocorrido na última segunda-feira, pode não ter sido um primor. Havia tensão, vários dos candidatos não conseguiram adaptar-se às regras do jogo, nem sempre as perguntas que lhes foram dirigidas estavam bem formuladas e assim por diante. Críticas sempre há. Mas foi um debate vivo, que teve tudo para prender a atenção do telespectador, independentemente do charme de ser o primeiro encontro do gênero na História do País, uma história que, de quebra, não registra eleições presidenciais diretas em 29 anos.

Não foi o que ocorreu com o segundo debate. Aliás, foi justamente o contrário. Inexistem ainda mecanismos para medir o índice de chateação do telespectador. Tudo indica, porém, que foi bem alto. Uma medida poderia ser dada pelos próximos candidatos, cuja caceteação era visível. Que Aureliano Chaves desperdiçasse seu tempo, nada de se estranhar, já acontecera antes. Mas até Ronaldo Caiado deixou de ocupar o espaço que lhe deram, como quase todos os demais.

Não era para menos. A maior parte das perguntas era pedante, às vezes inin-

teligível. A pergunta inicial, dirigida ao ex-governador Leonel Brizola, deu a medida exata do que viria a seguir. Talvez Brizola a tenha entendido, mas não deu mostras disso. Sua resposta, vaga e tanteante, indicava que ele não tinha muito a dizer a respeito.

Daí para a frente foi a mesma coisa. Um colega mais debochado chegou a comparar o programa a um velho quadro da revista **Mad: Respostas Idiotas para Perguntas Cretinas**. Ai já seria injustiça. Mas a verdade é que, exceção feita às intervenções da repórter Sônia Pompeu, as perguntas eram muito parecidas umas com as outras e as respostas idem.

Mesmo as questões mais polêmicas, como as que se referiam ao aborto, encontraram respostas chochas. Talvez, se tivessem sido formuladas de outra forma obtivessem resultado melhor. Mas os candidatos demonstraram mais habilidade em fugir a uma definição do que as entrevistadoras em pressioná-los. Isso deu a tônica do debate.

É impossível deixar de pensar que, no geral, as questões colocadas aos candidatos fugiram aos interesses principais dos eleitores, sejam homens ou mulheres. Será que as perguntas feitas eram realmente as que as mulheres gostariam de fazer, desde a mulher operária até a dona-de-casa? O Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, ainda que não seja composto por pessoas eleitas e portanto representativas do segmento social que procura defender, é um órgão importante, que tem funções relevantes a desempenhar — e por isso mesmo merecia um programa melhor.